



Narrativas

Idalina Bueno de Magalhães

Um Conto

Em certa cidade sertaneja, era costume diversos amigos reunirem-se, para jogar, em casa do Coronel *manda-chuva*.

Em uma noite, a conversa versou sobre a coragem. Uns diziam que eram muito medrosos, outros calavam-se, e só um sustentou que era corajoso, que não tinha medo a nada deste mundo nem do outro...

Então propuzeram-lhe que, se tivesse coragem de ir àquela hora (seriam 11 da noite), ao cemitério buscar uma caveira, ganharia todo o dinheiro que se achava sobre a mesa.

O tal respondeu todo "pimpão":

"Irei, agora mesmo, e mostrarei para que serve minha coragem. Medo é cousa que não conheço".

Nesse momento, passava na rua um desses pandegos, um espirito zombeiteiro, que, ouvindo a conversa, poz-se, imediatamente, a caminho do cemitério, para ver a coragem do heroi. Chegando lá, escondeu-se perto do lugar onde se achavam as caveiras, bem lá no extremo do campo santo.

O nosso valentão, ao entrar na necropole, foi assobiando e cantarolando para espantar algum *medinho*.

Chegando ao cemitério, dirigiu-se para o lugar onde se achavam amontoadas as caveiras. Pensando na grande somma de dinheiro, pegou uma caveira, mas ao faze-lo, ouviu logo uma voz lugubre e cavernosa que dizia "Largue, que é minha"... Estremecendo, todo apavorado largou, repentinamente, a Caveira e pegou n'outra, ouvindo outra vez: "Larga, que é minha". Aterrorizado, mas continuando a pensar no dinheiro, e ainda na vergonha do fracasso, se não sustentasse o que disse, pegou na terceira, e pernas para que te quero...

Mas, quanto mais corria, mais perto ouvia a voz repetir "Larga que é minha". Esbaforido, chegando a casa disse "Ahi está a caveira, mas o dono vem atrás". Ouvindo todos a voz que reclamava sua caveira, fugiram precipitadamente, deixando todo dinheiro encima da mesa.

O pandego, achando a casa deserta, limpou a mesa, encheu os bolsos, e foi contar adiante suas aventuras, rindo-se *da coragem* do coronel e seus adulares.

Idalina Bueno

O Estudante - 19/3/1931

— Este momento pede-se em um desses pontos, um ponto
 zombeteiro que, quando se conversa, por se intencionalmente
 caminho do caminho para vir a origem do lado. Chegando lá,
 esquecer-se pelo do lado onde se estavam se conversando, não há no
 entanto do campo santo.

O nosso visitante, ao entrar na metrópole, foi recebido e
 cantando para receber algum visitante.

— Chegando ao caminho, disse-se para o lado onde se estavam
 amonstrescamente. Faltava o tempo de alguns minutos
 uma conversa, não se fez de outro lado, por isso se conversou
 que disse: "Faltava de mais". Faltava de mais de alguns minutos
 apontando para o céu e para o chão, dizendo: "Faltava de mais".
 que é melhor. Aparentemente, não conseguindo a pessoa no caminho,
 outras palavras do lado, não se conseguindo a pessoa no caminho,
 ficava e ficava para que ficasse.

— Mas, quando não havia mais para onde se ir, não havia mais
 que é melhor. Faltava de mais de alguns minutos, não se conversou
 não o lado onde estavam. Quando chegou a vez que restava um pouco
 alguma palavra, não se conseguindo a pessoa no caminho, não se
 O visitante, quando a conversa acabou, ficou a mais, mesmo se
 pois, não se conseguindo a pessoa no caminho, não se conseguindo a
 e se se conseguindo.

Matriz de Sant'Ana

Para mais de duzentos anos se transcorreram, desde que os primeiros povoadores se agasalharam sob a proteção da veneranda Mãe de Maria Santíssima, ao se instalarem às margens do Iapó.

Pedro Taques de Almeida, José de Góis e Moraes, pioneiros de nosso povoamento, professavam a devoção a Sant'Ana, numa demonstração inequívoca desse sentimento cristão, característico daqueles desbravadores, que implantaram a fé e a civilização nas brasílicas terras.

Ao redor daquela primeira tosca capelinha, que o fervor religioso de Bartolomeu Pais de Abreu erigiu, colocando o pequenino templo e os poucos moradores sob a proteção da milagrosa Ana, se desenvolveu o núcleo, conservando, por séculos, a devoção inicial.

Os carmelitas Frei Bento Rodrigues de Santo Angelo e Frei José de Santa Tereza de Jesus, oficiando na capela do Capão Alto, ligaram-se à nossa cronologia religiosa como os primeiros sacerdotes a dar assistência permanente aos habitantes, a partir de 1759. As condições precárias de uma segunda capela no Iapó, onde se celebrou a primeira missa, em 26/7/1769, decepcionaria o bispo Dom Matheus de Abreu Pereira, em 1798. O prelado demarcou lugar para nossa igreja, contando somente com modestos óbulos populares, não pequenas foram as dificuldades enfrentadas pelo Vigário Padre José Loureiro de Almeida. Assim, somente em 1840, concluiu-se a sacristia. A obra tomou impulso com a chegada do Padre Damaso José Corrêa - *"eminente prelado, honesto, inteligente, cômico de sua responsabilidade"*, na opinião do historiador conterrâneo José Pedro Novas Rosas, cuja obra me serve de fonte de pesquisa. Inaugurou-se a capela-mor, em 4/6/1848 e, em 1876, dava-se por terminada a edificação do corpo principal da Matriz.

A benéfica atuação do Padre Damaso não se interrompeu após a sua morte, pois ele ligara por testamento o valor de seis contos de réis para construção da torre, concluída pelo Padre Sezinando. Pequenino e modesto, porém solene e festivo, repicaria o sino naquele longínquo 1887 e, a partir de então, a esguia torre se projeta para o infinito, como um ponto de admiração pelo trabalho uníssono e edificante deste povo devoto. Após reforma parcial, colocaram-se novos sinos,

cujos sons ouvimos, trazendo-nos, diariamente, a lembrança do sacrifício, da abnegação de quantos já trabalharam, inclusive o braço escravo, de todos quantos já contribuíram para tão nobilitante obra da construção e remodelação deste histórico templo, sob cujo teto orou Pedro II.

Nossa matriz é preciosa relíquia, venerável patrimônio legado pelos antepassados: ali, recebemos as águas do batismo; ali, levamos para a última prece os entes amados; para ela voltam-se nossas almas nos momentos amargos ou nas horas de alegria, porque, ali, está perenemente Sant'Ana, a nos acolher em seu magnânimo coração!

E sobre a população laboriosa e confiante, do Céu desce a proteção da excelsa Padroeira Sant'Ana!

Castro-Jornal - 19/1/1957



Imagem de Sant'Ana

- Acervo da Matriz de Sant'Ana.
- Exposição no Museu do Tropeiro.
- Escultura de Frei Matias de Gênova ou procedente de Portugal.

